

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS NAS OBRAS *CINDERELA* E *PROCURANDO FIRME*

Luciana Mendes Pimenta¹
Raquel Aparecida Dal Cortivo²

Resumo: O objetivo deste trabalho é propor uma análise do conto tradicional “Cinderela” dos Irmãos Grimm e do conto contemporâneo “Procurando Firme” de Ruth Rocha, para que possamos identificar nas personagens Cinderela e Linda Flor a representação do comportamento da mulher, como esta era retratada na sociedade patriarcal, e mostrar como esse comportamento vem se modificando ao longo dos séculos. A personagem feminina deixa de ser o estereótipo da mulher-objeto (definida pela submissão), passando a ser representada como mulher-sujeito (definida pela insubordinação). Os aspectos teóricos do feminismo serviram de embasamento para as análises propostas. Assim, compreendendo a literatura infantil como agente de formador, observamos que a representação das mudanças sociais atua na transformação dos valores socialmente aceitos.

Palavras-chave: feminismo, literatura, contos de fadas, papel social da mulher.

ABSTRACT: The objective of this work is to propose an analysis of the traditional fairy tale “Cinderella” by Grimm Brothers. and the contemporary tale “Procurando Firme” by Ruth Rocha, so that we can identify in the characters Cinderela and Linda Flor the representation of the contemporary woman as she is portrayed in the patriarchal society, and show how this behavior has been modifying along the centuries. The female character is no longer the stereotype of object-woman (determined by submission), passing to be represented as the subject-woman (determined by insubordination). The feminist technical aspects served as a base for the proposed analysis. Thus, understanding the literature for children as a forming agent, we observed that the representation of social changes act in the transformation of socially-accepted values.

Keywords: Feminism, Literature, Fairy tales, Woman social role.

1. INTRODUÇÃO

A literatura infantil surge com a intenção de transmitir valores através dos quais a sociedade se constituía, era, portanto, instrumento que difundia e consolidava a base moral para a boa convivência e relação sociais. O conto infanto-juvenil tinha desfechos moralizantes, porque tinha que corresponder às necessidades burguesas do século XVIII: educar as crianças, seja alfabetizando-as, seja lhes ensinando bons modos.

No decorrer dos tempos, os personagens da literatura infanto-juvenil sofrem modificações, apresentando valores conforme os que estão em evidência no tempo, no país e na cultura vigente nos quais são apresentados. Nesse processo de transformação, a mulher conquista espaço e esse processo de conquista é representado nos contos infantis, passa da submissão à independência, e torna-se capaz de opinar na vida social.

¹ Acadêmica do 8º Período do curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

² Professora orientadora do Artigo.

É sob essa perspectiva que analisaremos dois textos da literatura infantil com o objetivo de mostrar como a imagem da mulher é representada no conto *Cinderela*, dos Irmãos Grimm e no conto contemporâneo *Procurando Firme*, de Ruth Rocha.

Assim, de modo a compreender as semelhanças e diferenças na representação da imagem da mulher serão feitas análises dos contos separadamente, e em seguida realizar-se-á uma análise comparativa das personagens Cinderela e Linda Flor.

Este trabalho é de abordagem qualitativa e bibliográfica, e os aspectos conceituais e analíticos do feminismo serão baseados nos teóricos Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980), Bonnici (2007), Novaes Coelho (1993), Michel (1982), Zolin (2003).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Levantamento histórico sobre a mulher

Em diversas abordagens e áreas de estudos como em história, antropologia, sociologia, psicologia, a tematização sobre a mulher é muito marcante. A mulher sempre esteve inserida dentro de uma estrutura patriarcal, na qual seu destino era marcado pela submissão e direcionado ao casamento. Era uma figura emudecida e marginalizada em vários aspectos, como por exemplo, como filha ou esposa, não podia opinar em nada que se referisse a outro universo que não o lar, o enxoval, o noivo/marido e o bem-estar da família, restringindo-se a obedecer aos homens da casa.

Assim, a filha devia obedecer ao pai e, quando casava passava à posse do marido e lhe devia obediência. O casamento era escolhido e negociado pelo pai, como afirma Beauvoir (1980a, p. 167) “durante muito tempo os contratos foram assinados entre sogro e o genro e não entre o marido e a mulher”.

A mulher continuava a ser marginalizada, pois não podia manifestar-se sem autorização, não podia expor suas ideias a respeito de nenhum assunto e conseqüentemente não se inseria em papéis sociais perante a sociedade.

Por muito tempo, as mulheres na esfera matrimonial foram tratadas como objeto sexual e também como seres inferiores aos homens e que tinham como “função primordial a reprodução da espécie humana, a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação.” (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 11).

Isso tornava a figura feminina ligada a um papel muito restrito diante da sociedade, pois ela podia somente ser mãe, esposa ou viúva e com o casamento as estruturas patriarcais só se consolidavam.

Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. (BEAUVOIR, 1980a, p.7)

[...] o casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. (BEAUVOIR, 1980a, p.67)

Então, cuidar do lar, trabalhar na terra e no cultivo de produtos agrícolas fazia da mulher além de submissa, um ser inferiorizado pelo homem, pois segundo ele, a condição fisiológica da mulher a tornava frágil e sem perspectivas para assumir qualquer outra função dentro de casa ou mesmo na sociedade. Com isso, “a mulher casada torna-se uma incapaz e todos os atos que ela fizer sem estar autorizada pelo marido ou pela justiça serão radicalmente nulos” (MICHEL, 1982, p. 35), o que a torna mais fragilizada e marginalizada diante de uma sociedade machista.

A escritora francesa Simone de Beauvoir na publicação de seu livro “O segundo sexo” (1949), analisa a condição da mulher e revela que desde a criação do mundo o poder do macho sobre a fêmea sempre esteve num patamar elevado. Não existia uma relação de reciprocidade entre ambos os sexos e a sociedade sempre exaltou a superioridade masculina, pois o poder político esteve sempre nas mãos dos homens. A mulher que ousasse ir contra os preceitos daquela época, ameaçando assim a educação que lhe era imposta, simplesmente não era vista com bons olhos e, qualquer que fosse o ato desregrado, sofria severas punições.

Nos estudos sobre as críticas feministas, a mulher nunca foi vista como um ser semelhante ao homem, mas sim como alguém que estava destinada a viver sob sua dependência, dominada e sem possibilidades de se igualar a ele. Segundo Simone de Beauvoir:

As épocas que encaram a mulher como o *Outro* são as que se recusam mais asperamente a integrá-la na sociedade a título de ser humano. Hoje ela só se torna *outro* semelhante perdendo sua aura mística. Foi a esse equívoco que sempre se apegaram os antifeministas. De bom grado concordam em exaltar a mulher como o *Outro* de maneira a constituir sua alteridade como absoluta, irredutível e a recusar-lhe acesso ao *mitsein* humano. (1980b, p.91, grifos da autora).

Esta é uma compreensão que culturalmente acorrentou a mulher, que, aos poucos, foi se soltando, adquirindo vez e voz na sociedade machista. A existência da mulher como ser humano foi sendo moldada conforme as possibilidades que foram surgindo de se apresentar como parte semelhante ao homem, verificando que sua inferioridade não se explicava, senão pela estrutura social forjada ao longo dos anos, muitas vezes embasada em premissas falsas de debilidade biológica, psíquica ou cognitiva. Segundo Simone de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (1980a, p.09)

A partir dos séculos XVII e XVIII, as mulheres começam a ter uma participação no trabalho industrial, fortalecendo a economia de vários países. Mesmo trabalhando em situação de desigualdade com o homem e com baixos salários, a resistência da mulher em querer ocupar um lugar no mercado de trabalho, tornou-se uma das reivindicações primordiais, pois as mesmas sofriam com as restrições a que eram submetidas, passando assim a lutar por direitos de igualdade.

Já nos séculos XIX e XX “a mulher não se acha mais confinada na sua função reprodutora” (BEAUVOIR, 1980a, p. 165), passando a lutar por seus direitos sociais, políticos, culturais e intelectuais, deixando de atuar à margem do sexo masculino, rompendo com a “monarquia doméstica”, a que sempre foi submetida, ou seja, ela deixa de ser o ser inferior, mudo e submisso que o sistema patriarcal forjara. E começa, então, a sua busca para se tornar o agente transformador não só na classe econômica, mas também nas classes políticas e sociais.

Chega o século XX representando o período em que as mulheres fazem suas reivindicações que gradativamente vão sendo conquistadas: o direito ao voto, o ingresso nas universidades, o trabalho fora do lar. Rompe-se, assim, o estereótipo do “sexo frágil”.

O ensinamento patriarcal sobre o “destino” das mulheres de ser somente mãe, esposa e dona de casa, simbolizado pela maternidade, matrimônio e dedicação exclusiva ao lar, foi intimamente revolucionado no século XX. Foram décadas de muitas lutas, muitas reivindicações e muitos desafios para que a mulher pudesse mostrar que as características anatômicas e fisiológicas não eram motivos suficientes para impedi-las de se equipararem ao homem e de lutarem pelos direitos igualitários.

Nesse contexto, a competição da mulher no mercado de trabalho inicia-se com a chegada da Revolução Industrial e se estende até os dias atuais visando às vitórias do movimento feminista que se propagaram diante das sociedades do mundo inteiro. É importante frisar, que as mulheres passaram a ter acesso às universidades no final do século XIX, mesmo encontrando resistência por parte dos homens. Nesse mesmo século, já aparecem “inúmeras mulheres que se tornaram conhecidas nas artes (Rosa Bonheur na França, Ed monia Lewis nos Estados Unidos), na literatura (George Sand na França, George Eliot na Inglaterra), nas matemáticas (Sophie Germain, Mary Someville e Sonya Kovalesky)” entre outras áreas (MICHEL, 1982, p. 64).

Assim começa a transformação do papel da mulher, com sua inserção nos mais diversos campos de trabalho. Suas conquistas logo são atendidas de maneira formal, tendo o fortalecimento de sua emancipação em definitivo, fazendo com que os direitos da mulher aos poucos fossem abraçando mais direitos de acordo com suas necessidades. Especificamente, o movimento feminista que, depois de várias conquistas contra a discriminação sobre a subordinação da mulher perante os homens, se intensifica na questão do “sexo e política”. Nesse aspecto, vemos que:

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros, assassinato – quando a que se coisifica enquanto objeto de consumo. Denuncia da mesma forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado. (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 60-61)

Isso significa que a mulher buscou se libertar de todas as maneiras da visão machista, que pode ser exercida tanto como violência física quanto psicológica. Assim, a mulher também buscou se libertar da ideia de que o sexo era por obrigação, um fator que lhe era imposto: “o ato sexual, por si, a obriga a cumprir o papel de objeto passivo, o qual acaba por contaminar todos os seus tratos não sexuais com o mundo. Já que se refere ao homem, seu ser sexual é congruente com sua transcendência”. (ZOLIN, 2003a, p. 168).

No campo político, as mulheres também se revelaram na luta pelas transformações sociais, ou seja, procuraram desenvolver manifestos que as inserissem nos conjuntos de trabalhos, como por exemplo, arte, publicações, literatura e outras reivindicações. Conquistaram, então, o direito ao voto, o direito a assumir cargos administrativos, além de consolidarem as leis trabalhistas, entre outros.

Portanto, o feminismo é a voz que surge a partir da opressão da mulher, se edifica a partir de suas lutas em busca da conquista pelo seu espaço enquanto ser humano na sociedade. Como diz Oliveira (1993):

As mulheres passaram a fronteira do mundo dos homens escamoteando o lado feminino da vida. Enfrentaram a concorrência no espaço público carregando consigo, escondidas, as raízes no espaço privado [...]. Procuravam assim corresponder a um novo perfil de mulher que emergia da agonia de um paradigma. Obedeciam a uma mensagem dupla e contraditória: ‘para ser respeitada, pense, aja e trabalhe como um homem; mas para ser amada continue sendo mulher. Seja homem e mulher’. (OLIVEIRA, 1993, pp. 55-56).

Enfim, a mulher vence, mostrando ao mundo a capacidade de superação a cada obstáculo imposto em sua caminhada, principalmente aqueles impostos pelo homem. E o movimento feminista não só lutou pela igualdade entre homens e mulheres, como conseguiu mostrar a toda a sociedade que a mulher vai mais além do que o homem possa imaginar.

2.2. Teoria do feminismo

As leituras feitas sobre o que é o feminismo apontam para o rompimento com os padrões tradicionais políticos, culturais e sociais acabando com a opressão sofrida ao longo da história da humanidade pelas mulheres. Segundo Alves e Pitanguy (1985) é difícil estabelecer uma definição precisa do que seja o feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegria. Contudo, as escritoras procuram fazer definições plausíveis ao feminismo enquanto movimento e acabam por destacá-lo como um movimento que “caracteriza-se pela auto-organização das mulheres em suas múltiplas frentes, assim como em grupos pequenos, onde se expressam as vivências próprias de cada mulher e onde se fortalece a solidariedade” (ALVES E PINTAGUY, 1985, pp.8-9). São várias as definições sobre o que é o feminismo, mas em cada uma delas, o foco principal é estabelecer a igualdade de direitos entre o homem e a mulher. Pois este movimento buscou,

[...] repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. (ALVES & PITANGUY, 1985, p.09).

No decorrer do século XX, o movimento feminista atravessou diferentes momentos, pois este era um movimento do qual participava só a minoria (no caso, as mulheres), sua principal característica foi “a luta pelos direitos da mulher”, ou seja, direitos de igualdade social e política.

E foi com a Revolução Francesa, considerada o berço do feminismo que se deu origem as reivindicações dos direitos de cidadania da mulher, sendo a França o palco onde “o movimento feminista começa a assumir um discurso próprio que afirma a especificidade da luta da mulher” (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 32). É, portanto, dentro desse âmbito de luta da Revolução Francesa que a mulher busca usufruir da liberdade que gradualmente vai adquirindo com as modificações das estruturas sociais, aproveitando-se das profundas transformações e dos novos conceitos sobre os direitos constitucionais, civil, trabalhista e penal que redesenhavam as relações sociais. (SABINO JÚNIOR, 1970, pp. 46-47).

Mesmo tendo seu início na França, o movimento feminista somente ganha força a partir da metade dos anos 60 nos Estados Unidos, onde surge um movimento mais organizado que se expande pelos países do ocidente, atravessando várias décadas de lutas em que o discurso intelectual, filosófico e político se consolidaram, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Com isso, o feminismo penetra “na esfera doméstica, no trabalho, em todas as esferas em que mulheres buscam recriar as relações interpessoais sob um prisma onde o feminismo não seja o menos, o desvalorizado”. (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 9). Ou seja, em todas as situações onde a mulher estivesse sendo marginalizada, o movimento feminista aparecia para fazer suas denúncias e questionamentos defendendo a libertação da mulher.

Nessa perspectiva de libertação, este movimento não parou de crescer e atravessou décadas, tornando as relações entre homens e mulheres ainda mais conflitantes. Cada um levantava sua bandeira, ou seja, os homens tentando manter seu status de superioridade e as mulheres buscando seu espaço como parte integrante na sociedade para poder, por exemplo, frequentar universidades, ter uma profissão, ganhar seu próprio salário, enfim, coisas que eram somente privilégios dos homens.

Sendo assim, a partir do movimento feminista, a mulher passa a desenvolver sua participação dentro de atividades consideradas célebres, como no campo das artes e da política, áreas onde só os homens atuavam e que diante do movimento a mulher ganha seu espaço adquirindo sua particularidade e praticando uma ação política mais organizada.

2.3. O feminismo Literário

A participação da mulher como integrante ativo da sociedade, como cidadã, desde as primeiras tentativas de inserção causou polêmica e sofreu resistência. Isso ocorreu porque o papel social da mulher se diferenciava do papel ocupado pelos homens, tanto no âmbito político como no mercado de trabalho. O papel feminino se restringia a cuidar do lar, a ser esposa submissa e obrigatoriamente ser mãe, como já foi explanado no presente trabalho.

Mas, a partir da década de 1960 segundo Zolin (2003b), esse paradigma do patriarcalismo quebra-se, a mulher passa a ser objeto de estudo nas mais diversas áreas do conhecimento, principalmente na literatura que é quando a mulher consegue se firmar na experiência como escritora, significando uma séria mudança no campo intelectual.

É sabido que a maioria das obras literárias na cultura ocidental foram escritas por homens, apresentando sempre uma visão do ponto de vista masculino. E segundo alguns críticos, os escritores masculinos figuravam em suas obras a mulher como um ser emudecido, sem poder, sem destino próprio e que, em relação ao homem, sempre ocupou o segundo lugar. Sabe-se também que a literatura de autoria feminina era proibida e que segundo Zolin não aparecia no cânone tradicional, já que este “sempre foi constituído pelo homem branco, ocidental de classe média/ alta, portanto regulado por uma ideologia que excluía os escritos das mulheres”. (2003b, p. 253).

Todavia, no início do século XX, a escrita feminina ganhou nova visibilidade, impulsionada por Virgínia Woolf que com o seu livro *A Room of One's Own* (1929), procurou demonstrar as injustiças que a mulher sofria tanto no aspecto econômico, quanto nas áreas de trabalho. Woolf destaca ainda em seus ensaios, a relação da mulher e o desejo de fazer parte do campo das artes, literatura e ficção, denunciando assim, uma época cheia de preconceitos contra as mulheres, refletindo na realidade social da condição da mesma.

Outra feminista que ganhou destaque em meados do século XX foi Simone de Beauvoir, com seu livro *O Segundo Sexo* (1949), demonstrando a profunda ligação da história com a revolução feminista, estruturando uma importante análise da condição feminina em todos os tempos. A autora evidencia uma crítica revisionista com a intenção de criticar a representação da mulher nos escritos masculinos, pois os mesmos faziam suas obras na maioria das vezes a partir do ponto de vista sexista, deixando a mulher numa condição inferior, apagada e submissa.

Na questão literária, Beauvoir foi uma escritora bem à frente de seu tempo, pois já possuía uma visão feminista e a utilizava para denunciar o universo feminino criado pelo

homem, desconstruindo estereótipos fornecidos pela literatura masculina. Assim, Beauvoir vê na literatura uma ferramenta que ajuda a mulher a retratar seu próprio universo, construindo seus personagens refletidos em seu cotidiano, denunciando e reagindo contra as injustiças a que era submetida.

Surge então a crítica literária feminista, que teve início em 1970, com a publicação do livro *Sexual Politics* (A Política Sexual) de Kate Millet. Essa obra traz “discussões acerca da posição secundária ocupada pelas heroínas dos romances de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas literárias.” (ZOLIN, 2003a, p. 169). Ou seja, a obra denuncia o patriarcado e analisa a situação da mulher enquanto o “outro”, que vive sempre atrás da figura masculina, marginalizada, sem voz e sem vez trazendo à tona o estereótipo que o homem fazia da figura feminina.

E a crítica feminista chega para desconstruir estes escritos masculinos que faziam os leitores, tanto homem quanto mulher, ler as obras do ponto de vista totalmente masculino. Por isso, segundo Bonnici, “a finalidade da crítica literária e da leitura feminista é focalizar a constituição do estilo, da imagística e das características do patriarcalismo numa determinada obra”. (2007, p. 49)

Ou seja, Bonnici explica que é possível, por meio da crítica literária feminista, fazer uma promoção, uma reavaliação e também uma redescoberta da escrita de autoria feminina, que traduz obras feitas do ponto de vista da mulher, dismantando assim as amarras do patriarcalismo que por muito tempo detiveram a mulher à submissão, voltada para o casamento, mas que agora encontra na literatura sua emancipação.

É importante salientar que há muito tempo já havia uma escrita de autoria feminina, porém, as escritoras permaneciam ocultas sob pseudônimos masculinos, que eram usados.

[...] para escapar às prováveis retaliações a seus romances, motivadas por esse “detalhe” referente à autoria. É o caso, por exemplo, de George Eliot, pseudônimo da inglesa Mary Ann Evans, autora de *The Mill on the Flosse* de *Middlemarch*; de George Sand, pseudônimo da francesa Amandine Aurore Lucile Dupin, autora de *Valentine*. (ZOLIN, 2003, p.165)

Com isso, a crítica literária compilou dados para rever a condição da mulher enquanto escritora, descobrindo que a literatura feminina cuidadosamente estabelecia um elo entre o real e o fictício no sentido de denunciar e mudar a realidade da mulher perante a sociedade masculina, dando-lhe o espaço merecido enquanto escritora e artista.

Reverendo o contexto machista, a tradição literária feminina sempre foi vista como algo quase impossível, uma vez que sempre prevaleceu o pensamento patriarcal que exaltava

a escrita masculina e retratava suas personagens femininas como seres frágeis e incapazes para determinadas funções e “que subjaz uma conotação positiva” ou ainda a mulher megera que “remete à rejeição e à antipatia” (ZOLIN, 2003a, p.170). Mediante as lutas e através de seus escritos as mulheres buscam a libertação de seus pensamentos e ações, e retratam em suas obras as mulheres que se tornam sujeitos e que lutam por seus ideais e vão ao encontro de sua liberdade e identidade.

Trata-se de escritoras que, tendo em vista a mudança de mentalidade descortinada pelo feminismo em relação à condição social da mulher, lançam-se no mundo da ficção, até então genuinamente masculino, engendrando narrativas povoadas de personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher. (ZOLIN, 2003b, p. 255)

Assim, as mulheres escritoras influenciadas pelo movimento feminista, iniciado em meados do século XIX, conduziram um olhar diferente ao dos autores masculinos. Enquanto eles construíam as suas personagens femininas destacando como características a beleza, a riqueza e a sensualidade, caracterizando as mulheres ora como anjos e santas, ora como demônios e megeras, as mulheres escritoras procuraram representar e enfatizar as lutas e conquistas da mulher na sociedade através de um espírito de características físicas e psicológicas que caracterizam a sua personalidade.

Sendo assim, com o passar do tempo, a estrutura da sociedade muda e, conseqüentemente, o papel da mulher e sabendo que vivemos em uma sociedade que está em constante transformação, muitos valores, formas de agir e pensar a respeito da mulher foram se alterando ao longo dos anos. Desta forma, analisar-se-á a obra “Procurando Firme” de Ruth Rocha que traduz a voz feminina contemporânea, tendo como contraponto o conto “Cinderela”, observando como a mulher é retratada. Na literatura infanto juvenil essa representação social é um ponto importante, pois esta é uma literatura voltada para um público em formação, uma vez que, segundo Novaes Coelho (1993, p. 16) cabe “à Literatura a tarefa de servir de instrumento essencial de prazer/informação/formação”.

Isso quer dizer que muitos valores sociais são vinculados pela literatura infantil e atuarão na formação da mentalidade dos leitores, contribuindo de forma marcante no processo de transformação e na criação de novos valores, possibilitando ao leitor a quebra de velhos paradigmas e passando a atuar com diferença no meio social a que vivem.

3. OS CONTOS EM FOCO: O UNIVERSO DE REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA INFANTIL

3.1. “Cinderela”

3.1.2. Resumo

Cinderela era filha única, porém sua mãe morreu e seu pai se casou com uma mulher muito arrogante que tinha duas filhas. A madrasta e as filhas humilhavam Cinderela e a faziam de criada. Um dia o rei promoveu um grande baile para escolher uma esposa para seu filho, mas Cinderela não poderia ir porque tinha que cuidar da casa e não tinha vestido de festa. Cinderela pediu para a árvore que ficava junto ao túmulo de sua mãe para lhe cobrir de puro ouro e prata e o pássaro que pousava na árvore deu a ela um lindo vestido e transformou-a em uma linda princesa, porém ela tinha que sair do baile antes da meia noite. O príncipe se apaixonou por ela e os dois dançaram todas as músicas durante os três dias de festa. No terceiro dia o príncipe ordenou que colocassem nas escadas um pouco de pedras, assim quando Cinderela saiu correndo seu sapatinho ficou grudado na escada, deixando o seu sapatinho de cristal cair. O príncipe saiu à procura da linda princesa e ordenou que todas as moças do reino experimentassem o sapato, mas em nenhuma coube. Cinderela experimentou e o sapato serviu. Cinderela e o príncipe casaram e foram felizes para sempre. E as irmãs ficaram cegas pelo resto da vida por sua malvadez e falsidade.

3.2. Análise do conto “Cinderela”

O conto “Cinderela” dos irmãos Grimm retrata a condição feminina da sociedade do século XIX, bem como mostra Novaes Coelho “[...] nos contos recriados pelos irmãos Grimm, representam de maneira exemplar, a mentalidade pragmática burguesa/romântica, que se consolidava na época”. (NOVAES COELHO, 1993, p.94)

A personagem Cinderela segue fielmente o padrão do sistema patriarcal. É uma jovem doce, bondosa, obediente, generosa, sonhadora, passiva e submissa, representado dessa maneira a mulher criada pelo patriarcalismo, ou seja, a mulher perfeita e assim o estereótipo da mulher “anjo”, segundo Zolin (2003) aquela capaz de se doar pelos outros. A madrasta e suas filhas, por serem personagens maléficas, recebem o estereótipo da mulher “monstro” e de “megeras”, pois suas atitudes vão de encontro ao padrão de comportamento julgado inadequado à mulher.

No conto dos irmãos Grimm, a mãe de Cinderela antes de morrer pede que a filha seja sempre “obediente e boa” assim, “o bom Deus não iria abandoná-la”, a partir daí vemos que os valores patriarcais ensinados pela mãe, como afirma Simone de Beauvoir “subordina

praticamente ao homem”, (BEAUVOIR, 1980a, p.7). Cinderela cresce com a mentalidade de que deve ser uma jovem boa, obediente e terá recompensas. E quando o pai de Cinderela casa-se novamente, sua nova esposa é uma mulher arrogante e má e traz consigo suas duas filhas que também são más e arrogantes: “A nova mulher trouxe com ela suas duas filhas, que eram alvas e belas externamente, mas negras e más de coração” (GRIMM, 1999, p. 248) e por serem más serão castigadas no final da história.

Isso nos mostra que para a mulher ser bem vista e aceita pela sociedade da época era necessário que ela fosse cheia de bondade e doçura. E são as características que vemos em Cinderela, uma imagem estereotipada.

Além disso, Cinderela mostra-se submissa e passiva, tornando-se um ser emudecido, pois sofre com os maus-tratos da madrasta e das irmãs postiças e não reage, vemos assim a mulher “objeto”, aquela que não toma atitude sobre a situação em que se encontra. Suas irmãs tiram-lhe tudo, seu quarto, suas roupas boas e mandam Cinderela ir para a cozinha, transformando-a em empregada da casa. Cinderela passa a tomar conta dos afazeres de casa: lavar, passar, cozinhar para a madrasta e suas duas filhas, e ainda serve de caçoadora para as irmãs que fazem de tudo para maltratá-la:

Quem quer comer pão, trate de ganhá-lo. Vamos, para a cozinha! ’ Elas tiraram-lhe seus vestidos, enfiaram-lhe no corpo uma espécie de camisola de tecido grosso e pardecento e lhe deram tamancos para calçar. [...] Para completar, suas irmãs a apoquentavam de todas as maneiras, zombando constantemente dela [...] (GRIMM, 1999, p.248).

Vemos que Cinderela é humilhada tanto pela madrasta quanto pelas irmãs, pois privam-lhe de ter os mesmos direitos que elas, mas nem por isso se revolta, apenas releva, aceita tudo com paciência, mostra assim cada vez mais que é passiva.

Nesse conto, temos uma personagem submissa refletindo a imagem da mulher que não tinha atitudes diante de situações opressoras, como deveria ser a mulher regida pelo patriarcalismo. Cinderela se submete aos caprichos da madrasta uma vez que não há relatos da interferência do pai na criação da filha, demonstrando o costume patriarcal do século XIX, onde o homem era o chefe da família, e às mulheres cabia apenas zelar pelo lar e pela criação dos filhos, e se a esposa viesse a falecer o homem tinha o direito de se casar novamente, dando uma nova mãe aos filhos do primeiro casamento.

Cinderela é impedida de ir ao baile por sua madrasta que almejava que uma de suas filhas fosse escolhida pelo príncipe, sendo que na época era essencial que mulher arranjasse

um marido, para não ficar a vida inteira dentro de casa, o que seria um prejuízo para a família, então os pais procuravam logo maridos para suas filhas.

Para realização de seu sonho Cinderela tem a ajuda da mãe mesmo depois de morta, pois em seus momentos de aflição chora no túmulo da mãe, e quando sente vontade de ir ao baile e é impedida recorre à mãe, indo ao seu túmulo, onde acontece sua transformação de borralheira em uma bela princesa, as roupas velhas e sujas são trocadas por um lindo vestido, colocando em evidência esses preceitos dogmáticos onde a virtude é sempre premiada.

Quando já não se havia ninguém na casa, Cinderela foi para debaixo da aveleira, junto ao túmulo da mãe, e falou:
 “Vamos, arvorezinha, vamos,
 Sacode bem teus ramos
 E faz chover ouro e prata sobre mim”. (GRIMM, 1999, p. 251).

Observamos que a vontade de ir a esse baile era grande, pois no baile poderia encontrar um homem com quem pudesse se casar. O casamento para Cinderela representava a salvação, era, portanto, a única possibilidade de ser feliz. Contudo, cabia ao homem o pleno direito de escolher a mulher para esposa: “Ora, sucedeu que o rei anunciou uma festa que devia durar três dias e para a qual convidou todas as moças bonitas da região, **devendo o seu filho escolher entre elas a sua esposa**”. (GRIMM, 1999, p. 249, grifo nosso). O baile funcionava como uma espécie de vitrine onde desfilavam as pretendentes, que apenas aguardavam ser escolhidas. Para Simone de Beauvoir,

[...] a liberdade de escolha da jovem sempre foi muito restrita; e o celibato – salvo em casos excepcionais em que se reveste de caráter sagrado – abaixa-a ao nível de parasita e do pária; o casamento é o seu ganha pão e a única justificativa social de sua existência (1980a, p. 167).

O casamento tem esse significado de ascensão social inclusive para as irmãs malvadas, pois a madrasta insiste com as filhas: “Corta o dedo; quando fores rainha, não terás necessidade de andar a pé” (GRIMM, 1999, p.254); “Corta o calcanhar, quando fores rainha não terás necessidade de andar a pé” (GRIMM, 1999, p.255).

Portanto, vemos que Cinderela é uma personagem submissa às regras sociais da época, e por isso, recebe os estereótipos de mulher “bondosa” e “obediente” ao contrário da madrasta e das irmãs que recebem os estereótipos de “megera” e “egoísta”. Então, no final percebemos que a mulher bondosa é recompensada com o casamento, enquanto as más são castigadas.

Na representação maniqueísta que opõe a bondade de Cinderela à maldade da madrasta e das irmãs, o espaço é significativo. A casa onde a personagem Cinderela conviveu com seus pais é o local onde ela vai sofrer todos os maus-tratos da madrasta e de suas irmãs postiças, e mais do que isso, é o local que vai determinar até mesmo a identidade da personagem, já que lhe atribui o próprio nome, como mostra o seguinte trecho: “À noite, exausta, ela não tinha uma cama onde se deitar, e se enrodilhava no meio das cinzas, junto ao fogo; e como estava sempre coberta de pó e de cinzas, as irmãs a apelidaram de *Cinderela* (ou *Borrallheira*)”. (GRIMM, 1999, p. 248).

Devido às roupas sujas, a moça passa a ser chamada de Cinderela (a que veio das cinzas) ou em algumas traduções Borrallheira (a que veio do borralho). Nesta casa que agora para ela representa sofrimento e solidão é que ela também recorre ao socorro de sua mãe junto ao seu túmulo, pois quando ocorre o baile ela fica sozinha em casa, então vai ao túmulo da mãe chorar e recebe dos pássaros o vestido para ir ao baile, como podemos observar na citação: “[...] Cinderela foi para debaixo da aveleira, junto ao túmulo da mãe [...]” (GRIMM, 1999, p. 25).

Outro espaço importante da estória é o castelo, onde Cinderela encontra com o príncipe e este se encanta por ela. Este lugar é o contraste da casa onde ela vive, pois é no castelo que ela vai viver seus momentos de felicidade, como mostra o trecho abaixo:

Enquanto isso, o filho do rei aproximou-se da desconhecida, tomou-a pela mão e dançou com ela. Daí em diante não quis dançar com mais ninguém, e por isso não lhe largava a mão; quando alguém vinha convidar a bela moça para dançar, ele dizia: “Esta é minha parceira”. (GRIMM, 1999, p. 254)

Desta forma podemos notar que esses espaços são relevantes para o desenrolar dos acontecimentos, mostrando também a limitação da mulher ao lar. Cinderela sai de sua casa para o castelo se limitando somente a esse espaço, vivendo à parte da vida em sociedade. A mulher sai da casa e do domínio dos pais e vai para a casa do marido tornando-se vassala dele “ela toma-lhe o nome, associa-se a seu culto, integra-se em sua classe [...] Segue para onde o trabalho dele a chama [...] mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo”. (BEAUVOIR, 1980a, p.169).

Esses estereótipos representados na literatura são repassados de geração em geração e, segundo Novaes Coelho (1993, pág.100) o narrador, nas narrativas tradicionais, representava “a memória dos tempos a ser preservada pela palavra e transmitida de povo para povo ou de geração para geração”. Sendo assim, o narrador tem como principal

instrumento a palavra, valorizando a cultura social da época, ainda para Novaes Coelho (1993, pág. 97), “[...] a intenção dos narradores era transmitir os vários fragmentos-de-vida ou situações particulares que fossem *exemplares* para todos os homens”. Assim, com a transformação social esses valores também são modificados e transformam a forma de representação literária. Sendo assim, o conto a seguir vai mostrar essa transformação social da mulher representado pela personagem “Linda Flor”.

4. “Procurando Firme”

4.1.2. Resumo

O conto conta a história de uma princesa que vive em um reino encantado, e seu destino é casar-se com um príncipe, que virá buscá-la para que sejam felizes para sempre. É ensinada a ter os dotes de uma princesa como bordar, pintar, fazer aula de canto e estudar piano, porém esses não irão servir para muita coisa, pois Linda Flor começa a ter comportamentos inesperados, e começa a comportar-se como o irmão, que foi treinado para ganhar o mundo, e as práticas são as mesmas, como: treinar gritos, cotoveladas e cuspidelas. A princesa também começa a usar calças, toma a atitude de cortar o cabelo, questionando até o próprio nome, diz não gostar dele. Linda Flor recusa a se casar com os príncipes que enfrentam o dragão para casar-se com ela. Cansada dessa vida a princesa decide tomar o mesmo rumo que o príncipe, seu irmão, e sair pelo mundo.

4.2. Análise do “Procurando Firme”

A obra “Procurando Firme” da autora brasileira Ruth Rocha, é uma literatura de cunho feminino, que retrata a condição da vida da mulher numa sociedade patriarcal, levando o leitor à reflexão sobre a história do pensamento feminista.

Sabemos que a forma narrativa que ocorre nos contos clássicos infantis, expressa frequentemente uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, onde o destino das mulheres era o casamento, ficando encarregadas de cuidar do marido, dos filhos e da casa, quando possuíam bons dotes, ou de trabalhos artesanais, quando não tinham dotes para oferecer ao pretendente, tendo que trabalhar fora de casa para o sustento da família. Outro aspecto do patriarcado que podemos apontar nos contos clássicos é o poder que os pais tinham sobre a filha, pois eram eles que escolhiam o marido para ela, trocando-a por dotes, e que a partir do casamento o marido tornava-se seu dono.

“Procurando Firme” foi publicado em 1984, momento ainda, que existiam no Brasil resquícios da ditadura militar. Os ideais presentes na narrativa da obra “Procurando Firme” representam a quebra dessas algemas de manipulação da personagem feminina, pois por ser uma literatura contemporânea tem a principal intenção de abrir a reflexão da realidade em que se passava, segundo Novaes Coelho:

[...] estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; torná-lo consciente da complexa realidade-em-transformação que é a Sociedade onde ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (1993, p.134)

Esta história abre reflexões para o estado de passividade diante de tudo o que acontece e o que é imposto, ou seja, reflete sobre uma atitude de aceitação sem questionamento.

Essa intenção aparece de imediato na segunda página, onde o leitor em diálogo com a narradora entra em choque, pois já não aceita qualquer história a ser contada, deixando de ser um leitor passivo, passando a ser um leitor ativo, quando passa a não aceitar mais as velhas estruturas. Porém, o narrador negocia com o leitor, conseguindo seu consentimento para dar início à história.

Esta é a história de um príncipe e de uma princesa.
 - Outra história de príncipe e princesa? Puxa vida! Não há quem agüente mais essas histórias! Dá um tempo!
 - Espera um pouco, ô! Você não sabe ainda como a história é...
 - Ah, isso eu sei! Aposto que tem castelo!
 - Ah, tem, castelo tem.
 - E tem rei e rainha.
 - Ah, rei e rainha também tem.
 - Vai me dizer que não tem dragão!
 - Bom, pra falar a verdade tem dragão.
 - Puxa vida e você ainda vem dizer que não é daquelas histórias chatíssimas, que a princesa fica a vida inteira esperando o príncipe encantado?
 - Ah, vá, deixa contar. Depois você vê se gosta. Que coisa! Depois que o Osvaldinho inventou essa de "não li e não gostei" você pegou a mesma mania...
 - Então tá! Conta logo vai! (ROCHA, 2009, p. 6)

O conto se inicia com uma expressão tradicional “Era uma vez”, com espaço e ambiente que remontam ao período medieval com castelo, reis, príncipes e princesas, mas tratando de assuntos atuais como a quebra de valores e costumes da época, representados pela personagem Linda Flor. Inicialmente a função de cada personagem na obra é bem demarcada. O príncipe, como figura masculina, é treinado para correr o mundo e realizar

grandes conquistas, “desde pequeno, estava sendo treinado para sair um dia do castelo e correr o mundo, como todo príncipe que se preza faz”. (ROCHA, 2009, p. 8).

Os homens eram treinados para serem ativos, ou seja, os “sujeitos”, isso é típico da sociedade patriarcal, sendo demonstrada em “Procurando Firme” esta representação do homem patriarcal que sempre assume o controle e toma as decisões mais importantes dentro e fora do lar. Assim como existia uma imagem formada do príncipe, existia também a da princesa, tornando-a um ser passivo, e para assumir este papel social a mulher recebia as ocupações referentes a elas. Linda Flor é ensinada para ser uma excelente mãe, esposa e dona de casa. Tem aulas de bordado, de culinária, de piano, entre outras prendas e habilidades muito valorizadas pelos pais como mostra o trecho a seguir: “a princesa se ocupava de ocupações principescas, quer dizer, a princesa tomava aula de canto, de bordado, de tricô, de pintura, de cerâmica”. (ROCHA, 2009, p.13).

Desta forma podemos ver várias atividades, as quais eram obrigações que a mulher deveria saber, pois para arrumar um bom casamento a mulher deveria ser prendada. Existia atividade diferenciada entre cada um, pois era uma prática comum da sociedade patriarcal separar as atividades entre homens e mulheres. A princesa dedica-se às atividades por pertencer a alta sociedade, e necessitava mostrar essa distinção entre pobre e rico, como percebemos no trecho “- É, saber fazer coisas que não servem pra nada, que é pra todos saberem que a pessoa é rica... Só faz coisas pra se distrair... Se uma pessoa estuda datilografia, por exemplo, tá na cara que ela vai trabalhar em alguma coisa”. (ROCHA, 2009, p.15).

Linda Flor estava destinada a se casar, e esperava por um príncipe encantado, até que um dia aparece-lhe um príncipe que chega a enfrentar o dragão e que chega a subir por suas tranças “porque queria fazer como Rapunzel que jogava as tranças para o príncipe subir por elas”, porém ela se decepciona, pois “[...] Aquele não era o príncipe que ela estava esperando!” (ROCHA, 2009, p. 19). O perfil desse príncipe e dos outros não se encaixavam com o que Linda Flor esperava.

É a partir desse momento de não aceitação que começa a expressividade da liberdade feminina, quando Linda Flor toma para si o direito de escolha, sem submeter-se a vontades alheias, tomando suas próprias decisões e escolhendo com quem se casar, “e se eu tiver que casar com alguém eu encontro por aí, que o mundo é bem grande e **deve estar cheio de príncipes pra eu escolher**” (ROCHA, 2009, p. 34 grifo nosso). Esse é um ponto chave, pois é uma conquista importante para a mulher, pois a mesma era vista com um simples objeto, sendo submissa à vontade do homem. Linda Flor começa a ter escolha e

opinião própria. Ao não aceitar tudo que lhe impõe, Linda Flor passa a tomar decisões, escolhendo seu próprio destino, impondo suas próprias vontades, como podemos perceber no trecho a seguir “- Olha pai, eu até posso fazer vatapá, sarapatel, caruru, qualquer coisa, **mas tire o cavalinho da chuva** que com esse príncipe eu não vou casar” (ROCHA, 2009, p.22 grifo nosso). Como já citamos antes a mulher vivia num processo de submissão por uma sociedade patriarcal, agora quebra esse olhar e busca sua própria identidade.

Assim, Linda Flor não aceita os príncipes como marido, muda totalmente sua maneira de agir, falar e vestir, causando espanto na sociedade daquele reino e passa de mulher-objeto à mulher-sujeito, ou seja, conduz suas próprias vontades, treina como seu irmão, sai em busca de seus objetivos sem esperar que alguém faça isso por ela, enfrenta o dragão e sai procurando firme, ou seja, ela sai à procura da sua própria identidade.

5. Análise comparativa das personagens Cinderela e Linda Flor

A partir das análises de cada personagem em seus respectivos contos, é possível estabelecer semelhanças e contrastes possibilitando ver o comportamento da mulher no sistema patriarcal, mas vemos a evolução da mesma rompendo com os padrões sociais patriarcais.

Os contos apresentam personagens distintas. No conto “Cinderela” temos uma jovem meiga, bondosa, obediente, submissa e passiva. Sofre com as humilhações da madrasta e das irmãs, mas não deixa de ser obediente, representando assim o fiel retrato da mulher bem-educada, submissa e perfeita como deveria ser uma mulher. Esse era o modelo a ser seguido para ser aceita pela sociedade regida pelo homem. Também é uma jovem sonhadora que aspira sua liberdade, mas, como se sabe, o destino da mulher nessa época era o casamento, então Cinderela sonhava com um marido (príncipe) que a libertasse dos maus-tratos pelos quais passava em sua casa.

Em contraste a personagem Cinderela, temos a personagem Linda Flor do conto “Procurando firme”. É uma jovem princesa que vive em seu castelo com os pais, e tem um irmão, é educada para ser uma boa mulher como era determinado pelo patriarcalismo. Mas Linda Flor subverte esse papel, apesar dos pais imporem-lhe regras, ela não as seguia, pois buscava uma identidade diferente da que o patriarcalismo regia. A semelhança entre as duas personagens é que ambas buscavam a liberdade da opressão que viviam, mesmo que essa liberdade tivessem aspectos diferentes, pois Linda Flor, mesmo sendo criada sob o sistema patriarcal, buscava a sua liberdade encarando os desafios, buscando o novo, algo diferente

daquilo que estava limitado ao seu modo de vida, enquanto Cinderela se conformava apenas com o casamento, aceitando desse modo a regras sociais da época.

Linda Flor é uma personagem muito diferente da personagem Cinderela, pois não é uma personagem que representa obediência, submissão e passividade. É dona das suas decisões e tem opinião própria, também demonstra ser uma jovem forte, diferente da fragilidade de Cinderela.

O conto “Procurando Firme” destaca ainda uma sociedade regida por homens, assim como na época do conto “Cinderela”, mas o ponto que distingue as personagens analisadas é o comportamento, apesar das duas personagens receberem a mesma educação, o comportamento de cada uma é diferente, enquanto Cinderela segue o padrão social que regia a sociedade, a personagem Linda Flor contraria, criando uma identidade diferente da qual deveria seguir.

Assim, observamos que a mulher representada na literatura infantil no conto tradicional é transformada no conto contemporâneo, pois a partir do momento em que ela passa a querer ter os mesmos direitos dos homens, quebra o paradigma patriarcal, ao qual esteve por muito tempo submetida, deixando de ser o “sexo frágil” e mostrando que pode interagir com seu sexo oposto em termos de igualdade. E que mesmo com tanta imposição das regras sociais comandadas por homens, a mulher consegue evoluir social, política e culturalmente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, este artigo apresentou um apanhado bibliográfico sobre a história da mulher, tendo como pano de fundo o movimento feminista e também a crítica literária feminista que expôs a complexidade do ingresso da mulher no mundo das artes. Em seguida, foi feita a análise de dois contos infantis, “Cinderela” e “Procurando Firme”, destacando a condição da mulher em épocas diferentes, mostrando assim, aspectos marcantes da luta da mulher em busca de direitos iguais aos dos homens.

Das leituras feitas observou-se que a mulher na esfera patriarcal era submissa e inferiorizada por sua fragilidade e condição fisiológica. Era criada para obedecer, aprender ofícios domésticos e por fim, ser uma esposa dedicada ao marido e a sua casa.

Mas, a partir do século XIX, a mulher se destacou pela luta que travou e que ainda hoje trava na busca por seu espaço no âmbito social, político e cultural, pois as mulheres

tiveram que percorrer uma longa trajetória para poder realizar atitudes como: votar, trabalhar e principalmente mostrar-se igual ao homem, tornando-se sujeito de si.

Dentro dessa questão, o conto “Procurando firme” destaca na figura da personagem “Linda flor” o retrato da mulher ativa, que corre atrás daquilo que deseja indo contra os preceitos familiares a que estava destinada. Ficou constatado que a personagem, assim como a mulher do movimento feminista, deixou de ser um agente passivo na sociedade familiar e social e parte por defender sua postura enquanto ser ativo, planejando, dirigindo, controlando e realizando sua vida tanto profissional quanto culturalmente.

Portanto, as perspectivas da mulher para obter melhores condições de vida, continuam presentes na sociedade e, ainda hoje, a luta para desnudar o processo de dominação masculina continua, no sentido de desvencilhar o estereótipo da mulher submissa, excluída e dependente, materializando, assim, um relacionamento justo entre ambos os sexos. Nesse sentido, na literatura a representação da mulher foi importante para mostrar o real papel da mulher na sociedade, mostrando que ela nunca foi um ser mudo mais sim escondido pela figura masculina. A literatura foi uma forma de liberdade para a mulher onde ela expressa a sua indignação e busca se libertar do estereótipo que recebia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Cultura/Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.
- GRIMM. *Cinderela*. In: **Perrault Chales**; [tradução Regina Regis Junqueira; ilustração Gustave Dore]. – Belo Horizonte: Villa Rica Ed. 1999. pp. 247-257
- MICHEL, Andrée. **O feminismo**. Uma abordagem histórica. Tradução de Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- NOVAES COELHO, Nelly. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 6.ed.rev. São Paulo: Ática, 1993.

OLIVEIRA, R.D. **Elogio da diferença**. O feminismo emergente. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ROCHA, Ruth. **Procurando Firme**; ilustração Walter Ono. – São Paulo: Moderna, 2009.

SABINO JÚNIOR, Vicente. **Emancipação sócio-jurídica da mulher**: Estudo sócio-jurídico. São Paulo: Juriscredi LTDA, 1970.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica feminista*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003a. pp. 161-183.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Literatura de autoria feminina*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b. pp. 253-261.